

A transformação da Barra com a chegada do IMAGINE

No último dia 20, o empresário Roberto Medina realizou reunião de apresentação do IMAGINE para o setor turístico, hoteleiro e associações de moradores do entorno do Parque Olímpico para expor o novo estágio e a concepção do projeto e a transformação que realizará na região da Barra e na cidade. No primeiro ano, segundo levantamento da FGV, o impacto financeiro será de R\$ 9,2 bilhões, gerando 1,2 bilhão em tributos. Em 30 anos, o impacto será de 274 bilhões, com mais de 140 mil empregos gerados, sem contar com a valorização imobiliária da região.

Todos sabem da paixão de Roberto Medina pela capital fluminense e sempre, em seus discursos, o criador do Rock in Rio afirma que quer ser lembrado como ‘uma pessoa que nunca desistiu do Rio’. Isso se comprova, mais uma vez, com o IMAGINE. O Parque Olímpico será transformado no maior complexo de entretenimento da América Latina, com pelo menos 10 áreas diferentes, entre elas, Parque de Diversões Temático com mais de 56 mil m²; Resort com 750 apartamentos; e Anfiteatro com capacidade para 40 mil pessoas. Como o Rock in Rio e, recentemente, o The Town,



O empresário Roberto Medina apresentou, com mais detalhes, o IMAGINE ao setor hoteleiro, empresários e associações de moradores da região do Parque Olímpico



Luis Justo, CEO do Rock in Rio, também falou sobre as projeções e novidades do Imagine, que transformará a região da Barra da Tijuca



Pedro Guimarães, diretor-presidente do Apresenta Rio, falou sobre a parceria do mais novo empreendimento com o setor de entretenimento

em São Paulo, o IMAGINE será mais uma, aliás, a maior contribuição da família Medina para o Rio. Só que desta vez de forma

fixa e aberta o ano todo. A Barra não será mais a mesma. O IMAGINE será o maior complexo de entretenimento do hemisfério

sul. Os hoteleiros saíram entusiasmados, principalmente com a promessa de abrir os portões em janeiro de 2028.

Governador Romeu Zema abre o Pensa Brasil, série de debates da Firjan

O governador de Minas Gerais, Romeu Zema, iniciou o ciclo de conversas do Pensa Brasil, ação idealizada pela Firjan para debater os desafios do país. A iniciativa vai reunir lideranças políticas e especialistas para refletir o Brasil que queremos nos próximos anos.

No evento, nesta terça-feira (25), na sede da Firjan, no Centro do Rio, Zema destacou sua trajetória como sócio de uma grande rede varejista e a experiência da iniciativa privada que trouxe para a gestão pública. Ao lembrar a grave crise econômica do país de 2015/16 e os problemas com que se deparou ao assumir seu primeiro mandato em MG, em 2019, afirmou: “Fiz o que manda qualquer manual de gestão: enxuguei despesas”. O presidente da Firjan, Luiz Césio Caetano, e o presidente do Conselho Superior da Firjan, Eduardo Eugenio Gouvêa Vieira, destacaram a importância de iniciativas



O governador de Minas Gerais, Romeu Zema durante discurso. Ainda na foto, o presidente da Firjan, Luiz Césio Caetano (d) e o presidente do Conselho Superior da federação, Eduardo Eugenio Gouvêa Vieira (e)

como o Pensa Brasil. “A Firjan sempre atua buscando ampliar a participação das lideranças empresariais, políticas e instituições da sociedade civil em debates e ações que levem à construção de um ambiente de negócios favorável”, afirmou Caetano. Eduardo Eugenio pontuou que “o Pensa Brasil vem de uma reflexão de algum tempo, de que o Brasil tem pensado pouco e o governador Zema é um empresário

que trouxe para a política todo seu planejamento de gestão do setor privado e está tendo um sucesso muito grande na gestão pública”.

Contas públicas

A questão da gestão das contas públicas e o pagamento de dívidas do estado permeou a fala do governador. Defendeu a derrubada de vetos do Programa de Pleno Pagamento de Dí-

vida dos Estados (Propag): “Estamos, nesse momento, Minas, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Goiás, que são os quatro estados que aderiram ao regime de recuperação fiscal, lutando para que os vetos do Propag caiam”. Zema elencou resultados de sua gestão: “O desemprego de MG é o menor da história e temos uma das economias mais dinâmicas do Brasil. Segundo o último dado confirmado pelo IBGE, Minas Gerais já representa 9,5% da economia brasileira. Temos hoje um ambiente amigável para quem investe no estado”.

Eleições 2026

Zema destacou que, em 2026, vai se envolver muito nas eleições para presidente, que a direita busca um nome de consenso, que será apoiado por ele. Admitiu que pode ele mesmo ser esse candidato. Ao lado do presidente Caetano, os empresários David Klabin, vice-presidente e conselheiro do CIRJ, e Walter Cavalcante, também conselheiro do CIRJ, propuseram um debate com o governador mineiro sobre temas da agenda Propostas Firjan para um Brasil 4.0.

PINGA-FOGO

■ O FIM DE NÍSIA - Nísia Trindade começou a cair quando concordou com a nomeação do filho para uma secretaria da cidade fluminense de Cabo Frio, após ter realizado, 30 dias antes, uma milionária liberação atípica para a cidade. Foi um escândalo mal calculado pela equipe de comunicação do Ministério da Saúde, após a revelação ter sido feita pelo Correio da Manhã. Ela atacou o jornalista e o jornal nominalmente, ao invés de contrapor as denúncias realizadas.

■ Ao colocar a luz sobre a sua atuação, foi revelado que ela era uma verdadeira “rainha da Inglaterra”. As partes vitais da pasta estavam sob comando da turma de Alexandre Padilha e até de um braço direito de José Dirceu. Ela só tinha protagonismo nas agendas nas quais tinha interesse, como turbinar o município, que retribuiu a generosidade, e nomeou o seu pimpolho baterista que muito pouco tinha aparecido em Cabo Frio, até virar secretário de Cultura e ir morar em uma vistosa cobertura.

■ A sua saída é uma derrota também para a primeira-dama Janja, que lutou para manter a ministra.

■ CARNE E UNHA - Cresce o movimento para costurar uma aliança entre a candidatura ao Governo do Rio de Rodrigo Bacellar e de André Céciliano como vice. Os dois eram carne e unha quando André presidiu a Alerj e sentava na cadeira que hoje é de Bacellar. Uma candidatura que agrada em cheio a Assembleia Legislativa.

■ DEFENSORA DOS ANIMAIS - Conhecida pela luta na defesa dos animais, a juíza do Tribunal de Justiça do Estado do Rio (TJRJ), Rosana Navega acredita que o Brasil irá abolir a prática do transporte de gado vivo para o abate em todo o país. Durante julgamento realizado na última semana, o Tribunal Regional Federal da 3ª Região (São Paulo), entendeu que “não há no ordenamento jurídico qualquer vedação ao comércio internacional de animais vivos. Os magistrados entendem que essa questão deve ser tratada pelo Poder Legislativo”. A juíza confia que a decisão poderá ser revertida no Superior Tribunal de Justiça (STJ) ou no Supremo Tribunal Federal (STF).

■ ARGUMENTAÇÃO - “Recebo, com respeito, a decisão do TRF-3, mas acredito que o STJ ou o STF, deverá ter um entendimento diferente, proibindo o transporte de gado vivo por navios. Afirmo que essa prática cruel, viola e agride a integridade física dos animais. Uma das consequências desse transporte que mais me choca é a produção de amônia no ambiente onde ficam confinados, em razão das fezes e urina acumuladas, provocando a cegueira dos animais”, revelou Rosana Navega, que ainda ressaltou que vários países já proibiram o transporte marítimo de animais.

■ LAAD 2025 - O Riocentro, no Rio, sedia, entre os dias 1º e 4 de abril, a 15ª edição da LAAD Defence & Security, maior feira de defesa da América Latina. O evento promete consolidar sua relevância reunindo principais autoridades, empresas e especialistas do setor. Na pauta, avanços tecnológicos e promoção de negócios estratégicos. Serão mais de 400 marcas expositoras e esta 15ª edição da feira promete superar os números registrados em 2023.

■ CADE APROVA COMPRA DA ESTRELA - A compra de 70% das ações da Estrela, holding do grupo Tora Transportes, pela Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), foi aprovada pelo Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade), sem restrições. A decisão já foi publicada no Diário Oficial da União (DOU). A negociação, iniciada no final de dezembro do ano passado, foi fechada por R\$ 742,5 milhões.

Fernando Molica

Palavras que não traduzem mais a dor

Vivo das palavras há mais de 40 anos, tenho profundo carinho e respeito por essas combinações de letras que dão sentido ao mundo. Mas diante de episódios como o do jornalista Igor Melo de Carvalho, baleado pelas costas, há a sensação de que não há como expressar tanta revolta, indignação, raiva e dor. É tamanha a repetição de fatos que reafirmam racismo, exclusão e violência policial que fica difícil encontrar palavras e frases originais; todas parecem redundantes, gastas pela indiferença, pelo preconceito, pela banalização do mal, como definiu Hannah Arendt. Fica uma sensação de vazio ao, mais vez, discorrer sobre discriminação em relação aos pobres e negros. Dá para falar no corpo preto sempre alvo de balas que quase nunca se perdem, que há séculos se-

guem a mesma trajetória — mas quantas vezes você não leu frases parecidas? É inevitável falar no oportunismo assassino de políticos que, de carona no legítimo medo da população em relação à criminalidade, repetem os discursos que servem apenas para reiterar o ataque aos suspeitos de sempre. Homens e mulheres que alimentam o ódio, que insistem em práticas capazes apenas de produzir mais cadáveres. Eles sabem que o controle da violência — aqui, no Oriente Médio, na Ucrânia, em qualquer lugar — interromperia os lucros de muita gente que vive da guerra. O Estado é, ao mesmo tempo, sócio e refém dos que ganham muito dinheiro com a insegurança nossa de cada dia. Releio o que acabei de escrever com a desconfiança de ter apenas copiado ar-

tigos anteriores, de ter feito um autoplágio, de insistir num samba trágico de uma nota só. Sensação também de ter plagiado outros autores que insistem em variações dos mesmos pontos. Uma lei aprovada pelo Congresso em 2014 é evidente ao determinar que policiais não podem atirar contra pessoa “que esteja desarmada ou que não represente risco imediato de morte ou de lesão aos agentes de segurança pública ou a terceiros”. Uma lei que, se tivesse sido respeitada, evitaria que o PM reformado Carlos Alberto de Jesus, autor da tentativa de homicídio, atirasse em Carvalho, que, na garupa de uma moto de aplicativo, voltava para casa após fazer bico de garçom. O jornalista e o piloto ainda foram presos, acusados pelo PM de terem

furtado o celular de sua mulher — seus colegas da ativa acreditaram nele. Não é possível argumentar quando não há quem queira ouvir. Há até os que fingem escutar, que falam em investigações, em punições, nisso e naquilo. Mas eles sabem que muito pouco será feito, que o país foi construído para garantir o direito ao abuso. A defesa da sociedade tão citada por governantes existe, mas para apenas uma parcela da população. O Superior Tribunal Militar reduziu penas de oito militares do Exército que mataram o músico Evaldo Rosa dos Santos e o catador Luciano Macedo — e, até agora, ficou nisso. Como resumiu o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos): “O pessoal pode ir na ONU, pode ir na Liga da Justiça, no raio que o parta, que eu não

tô nem aí”. Ele sabe que não está na mira dos agentes do Estado. Mas não podemos desistir das palavras, são elas que viabilizam nosso pensamento, que exprimem nossas alegrias e dores. De maneira até contraditória em relação ao primeiro parágrafo deste texto, não nos é permitido dizer que não temos palavras — até porque pouco nos sobraria sem elas. É preciso, talvez, inventar palavras-gestos, que inspirem e pressionem, que apontem para uma responsabilidade que vá muito além de quem aperta o gatilho. Como no exemplo dos jovens que foram para a frente da casa do general José Antônio Nogueira Belham — um dos responsáveis pela morte de Rubens Paiva —, é preciso escrachar nossas frases comedidas e bem-comportadas que não correspondem mais à barbárie.